



**UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRO
CAMPUS DOS MALÊS
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL**

ISRAEL MAWETE NGOLA MANUEL

**A RELIGIOSIDADE COMO FORMA DE TRANSMISSÃO DE
CONHECIMENTO NOS BAKONGO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ISRAEL MAWETE NGOLA MANUEL

**A RELIGIOSIDADE COMO FORMA DE TRANSMISSÃO DE
CONHECIMENTO NOS BAKONGO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Bas'ilele Malomalo

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ISRAEL MAWETE NGOLA MANUEL

**A RELIGIOSIDADE COMO FORMA DE TRANSMISSÃO DE
CONHECIMENTO NOS BAKONGO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 30/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bas'Ílele Malomalo (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passo (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA	6
2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA	7
2.1 TRADIÇÃO E MODERNIDADE	7
3. HIPÓTESES DA PESQUISA	11
4. OBJETIVOS DA PESQUISA	12
4.1. OBJETIVO GERAL	12
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
5.1 RELIGIÕES, RELIGIOSIDADE E MEMÓRIA DE RESISTÊNCIA	12
5.2 RELIGIÕES TRADICIONAIS AFRICANAS	15
5.3 RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO, SOCIEDADE E PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS	16
6. METODOLOGIA	18
6.1. ABORDAGEM E MÉTODO	18
6.2. COLETAS DE DADOS	19
6.3. INTERPRETAÇÕES DOS DADOS COLETADOS	20
7. CRONOGRAMA	21
REFERÊNCIAS	21

1. JUSTIFICATIVA

É necessário, antes de qualquer tentativa de debruçar sobre o tema considerar que, a humanidade é indissociável de socialização. Assim sendo, a socialização implica relações interpessoais em diversas formas, desde plano material ao plano espiritual. Tudo isso ocorre na sociedade onde os indivíduos são inseridos comumente na elaboração de regras e leis de modo a proporcionar harmonia social.

Ao longo do processo vital é comum que as pessoas constituem e instituem uma forma própria de encarar a vida. Este pressuposto parte de várias perspectivas de como o grupo enquanto um corpo social encontra formas de se definir como um só. Este modo de entender a vida pode estar relacionado à uma ancestralidade, espiritualidade, religião, religiosidade até mesmo no cosmo. O que leva as pessoas a proceder desta forma é justamente a procura de estabilidade e coesão coletiva para a manutenção das estruturas do corpo social.

Enquanto se vive, a busca pelo conhecimento e aperfeiçoamento do mesmo deve ser uma ansiedade para salubridade intelectual. O tema ora escolhido, para futura pesquisa, parte de uma necessidade de investigar a religião africana, precisamente a religiosidade bakongo. Deste feita, quando se começa um percurso acadêmico, entende-se que é o momento oportuno para exteriorizar o que se pensa. E a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), por ser um espaço onde se debate muito questões que estão relacionadas com as diversidades culturais, sendo que, também valoriza e perspectiva uma construção epistemologia a partir de olhar Sul – Sul. Assim, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como é um critério obrigatório para validação dos conhecimentos abordados e aprovação no final do curso, seria o momento oportuno para escrever sobre este tema.

O interessante em fazer a futura pesquisa, numa instituição brasileira como a Unilab, ajudará a entender e fortalecer as estruturas e funcionamento das religiões de matriz africana. Sabe-se que existe uma certa escassez de materiais que tratam de África, mormente dos bakongo. A pesquisa será mais uma bibliografia a ser consultada para o ensino da cultura e religião africana com ênfase para os bakongo nas instituições de ensinos do território nacional brasileiro quando bem conjugada com a lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que obriga o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. E também servirá para fins didáticos e acadêmicos de outros espaços do mundo.

2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

As Religiões Tradicionais Africanas (RTAs) de modo geral são vistas por povos não africanos (especificamente ocidentais) com certa superstição que nega a existência de uma religiosidade própria capaz e com divindades que atenta aos problemas dos africanos e africanas.

Esse olhar preconceituoso levou os europeus fazerem e desfazerem a África do que tinha como patrimônio cultural (as religiões). Contudo, até ao ponto de demonizar as religiões africanas para que o seu imperialismo tivesse sucesso.

Isto fez com que, muitos povos africanos deixarem de acreditar naquilo que acreditavam porque os europeus mostravam ser companheiros do “bem” só que não era o que parecia. Em muitas sociedades africanas se consolidam em torno da religião. As diversidades africanas também se encontram na religiosidade, pois cada povo ou grupo social possui uma estrutura própria de expressar-se por intermédio da religião.

As RTAs são marcadas por um elemento que se chama a oralidade. É através da oralidade que os conhecimentos ou os saberes são transmitidos pelos membros da sociedade, ou seja, os fiéis são ensinados pela oralidade. Mesmo os dogmas são transmitidos pela oralidade, assim, as sociedades africanas são edificadas no seu acervo oral.

2.1 TRADIÇÃO E MODERNIDADE

As sociedades não são iguais, cada uma delas apresentam suas particularidades o que lhe torna único e específico. Estas estão forjadas nas tradições diferentes entre uma da outra. Por tradição entende-se que, de acordo com Figueiredo (1913), é um sistema cultural de transmissão dos conhecimentos que fundam uma sociedade desde os seus antepassados tendo em conta de idade em idade sem quaisquer provas manuscritas que os tornam autênticos. A tradição fornece a sociedade sistemas, práticas e saber ancestral, através dos processos que perpassam de geração em geração.

Japiassú e Marcondes (1996) caracterizam a tradição como “continuidade permanente de uma doutrina ou visão do mundo de uma sociedade que se mantém vivo

pela transmissão sucessiva através de seus membros” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 337).

Para Ngambu (1996), na tradição bakongo, a nacionalidade é formada no clã. Por ser um grupo localizado pela consanguinidade, a constituição nacional se dá em termos de relações interpessoais, cooperam a partir dos encontros frequentemente, as decisões são tomadas coletivamente (no caso de doenças, trabalhos, viagens, festividades comunitárias etc.).

A modernidade aparece como uma ruptura da tradição. Todavia se manifesta como se fosse uma superação da tradição como ela se define a si mesmo (ideário ou visão de mundo) ao passo que se pode constatar uma ambiguidade entre elas. Pois por mais que a modernidade tende acabar com a tradição, ela continua existir e prevalece, sobretudo, em muitas sociedades africanas em diversos contextos e manifestações com outras interpretações.

O conhecimento é algo que se constrói gradativamente em tempos e espaços diferentes. Todo conhecimento tem aproveitamento independentemente de sua natureza seja tradicional ou moderna. A dicotomia existente entre a tradição e a modernidade é notada como o apagamento dos conhecimentos tradicionais pela modernidade.

A racionalidade enquanto saber assume a forma de saber científico. Todavia, a essa atividade intelectual não se deve desassociar com a concepção secular da existência humana do contato com a natureza. Como afirma Portela Júnior (2014) “a formação do horizonte intelectual, de todas as camadas sociais, estava calcada essencialmente nas tradições, nas experiências rotineiras” (2014, p. 5).

É preciso considerar aqui que, antes de suceder se antecede. A modernidade no campo de saberes deve ser visto como continuidade da tradição e não seu fim. A coexistência de ambas é importante na construção de um conhecimento emancipatório que visa valorização de quaisquer saberes endógenas.

A futura pesquisa visa tratar de religiosidade como forma de transmissão de conhecimentos nos bakongo. Esses povos faziam parte do antigo reino do Kongo que situava na região central da África que para datar a sua fundação, segundo Batsíkama (2010), seria necessário recorrer ao recurso linguístico como suporte para que se reconheça seu surgimento e sua origem com precisão.

Mas, é conhecido comumente por muitos autores que fora fundado no século XIV pelo rei Nimi a Lukeni. Alguns autores afirmam que tinha sido fundado por Ntinu Wene no século XIII, isto mostra que sempre a história de povos africanos é mal contada e apagada. Conforme Ki-zerbo et al (2016), o não reconhecimento do tempo histórico africano por muitos etnógrafos e antropólogos faz com que, falar de África seja de forma pejorativa.

O tempo africano pode ser considerado um tempo histórico? Alguns afirmam que não, sustentando que o africano só concebe o mundo como uma reedição estereotipada do passado. Ele não passaria então de um incorrigível discípulo do passado repetindo a todo mundo: “Foi assim que os ancestrais fizeram”, para justificar todas as suas ações e seus gestos. Se fosse assim, Ibn Battuta só teria encontrado no lugar do Império do Mali comunidades pré-históricas vivendo em abrigos cavados nas rochas e homens vestidos com peles de animais (KI-ZERBO et al, 2016, p. 31).

Neste período o reino possuía uma estrutura social coesa, desde a sua política, economia, os seus hábitos e costumes até mesmo a religião e outras práticas culturais, já eram realidades estruturadas. Hoje esse povo encontra-se dividido em quatro países africanos (Angola, RDC, Congo e Gabão). Separação cuja consequência remota à Conferência de Berlim (1884-1885). De acordo com Batsíkama (2010), o colonizador não-Africano, comumente, ao escrever história de África busca atribuí-la os valores do seu continente, a partir de um olhar imperialista e racista uma vez que não podia renunciar aquilo que ele era e sem se quer dar a África sua própria expressão.

Visto que, o processo de colonização de África por povos não africanos, tem sido o grande dilema da desestruturação e distorção das estruturas sociais dos povos africanos sendo que, a oralidade ou a oratura não se pode limitar meramente em fonte estética, também é o meio mais usado para transmissão de conhecimento e resoluções de quaisquer problemas que podem existir na comunidade. Aliás, importa salientar, de acordo com Pereira (2013), o contato com os portugueses no século XV marca o início do cristianismo na região congoleza, que para as elites da época seria uma boa estratégia a adoção do cristianismo para uma manipulação ao governar o povo, pois, seria outra forma de dominá-los a partir de práticas religiosas não nativas. Dito em outras palavras, as relações sociais e políticos no reino do Kôngo sempre foram feitas, em boa parte, pela religiosidade e a religião durante séculos.

Compreende-se, nesse estudo, a religiosidade como um espaço de conhecimentos. A educação tradicional africana tem as suas bases, sobretudo nas RTAs. A pessoa africana

desde tenra idade recebe uma educação pautada na religiosidade dos seus ancestrais através dos ritos de iniciações e outras manifestações culturais tendo em conta o grupo social que este pertence. O que se pode configurar em uma “solidariedade horizontal e vertical” a pessoa se liga horizontalmente com os seus contemporâneos (mundo dos visíveis) e verticalmente com os antepassados (mundo dos invisíveis). Esta forma de proceder é muito comum para os povos bantu como afirma Altuna:

[...] As iniciações africanas são uma educação para unificação interior, isto é, para vitória humana da vida para morte... Aparecem como uma celebração simbólica e certo modo sacramental do grande drama da vida sobre a morte. [...] É como uma revelação do mistério da vida ao jovem que sai da infância (ALTUNA, 2014, p. 285).

Nos bakongo é comum, a pessoa ao nascer começar a ter primeiro contato com a religião no seio da família. A religiosidade se manifesta e se transmite pela linhagem familiar ou no clã que a pessoa pertence (*Belo/Kanda*)¹ que por sua vez é adotada pelo agenciamento dos membros da família com a sociedade.

Para Pereira (2008), a religião e as igrejas participam efetivamente na construção da relação do grupo bakongo com a sociedade circundante e as diferentes igrejas colaboram na recomposição interna do grupo bakongo. A religião nos espaços congolezes é tida como força motriz que serve para afirmação das relações sociais. Como se pode ver em Pereira:

Do ponto de vista interno aos Bakongo, a religião parece ser o idioma de rearticulação do grupo, que vem sofrendo um processo importante de transformação social, especialmente de parte de suas referências tradicionais, pela urbanização acelerada. Assiste-se uma reordenação destas instituições tradicionais, [...] que, por sua vez, também assiste a mudanças importantes em todos os setores da sociedade (PEREIRA, 2008, p. 43).

Este grupo social apresenta as suas bases culturais “ancoradas” na religiosidade dos seus ancestrais.

O conceito de campo religioso de Bourdieu (2007) é de suma importância para essa investigação. Para esse sociólogo francês, a religião, quando se entende como linguagem, (forma de expressar a ordem social) coaduna com a construção dos fatos

¹ Segundo Mahaniah (1982), Belo é uma palavra da língua kikongo que se traduz em segmento da linhagem ou a própria linhagem e kanda também é uma palavra kikongo que se traduz em clã. Ver o diagrama B do autor p. 130.

científicos. Pois, ela executa e conserva socialmente, a ordem em função da sua própria linguagem. Tal que, a sua estrutura aparece como “natural-sobrenatural do cosmo”.

Para Balandier (2009), a teologia popular Kôngo apresenta características menos afetadas pelo antropomorfismo² dos cristãos. Ao compreender os “termos (a) *mpungu*³ e *nzambe*”⁴ são atributos e qualidades de quem está no lugar mais alto, no caso de criador de tudo que existe. Também pode ser considerado como todo poderoso. Isto é, existe uma dependência da pessoa de *nzambe* de tal que, tudo que existe foi ele que criou. Este *nzambe* invisível procede a pessoa visível e não pode se compara com ninguém.

Considerando que ninguém nasce sabendo tal como diz provérbio kongo - “*longa mwana ukwenda ku zandu, kalongi mwana utuka ku zandu ko*”⁵ -, surge o questionamento que futuramente orientará a pesquisa: Como religiosidade pode ser ferramenta de transmissão de conhecimento nas sociedades congolenses? Afinal de conta, de que conhecimento se trata?

3. HIPÓTESES DA PESQUISA

No ponto de vista cosmológico africano, a religião nunca é separada da cultura. O que significa estão umbilicalmente relacionadas no sentido de que uma reforça e sustenta outra. Nos bakongo, os ritos de iniciação (nascimento, casamento e cerimônia fúnebre) perpassam pela religião. Estes processos ritualísticos envolvem conhecimentos e ensinamentos (*Malongi*)⁶ de um agenciamento. Os ritos de iniciação religiosa exigem pessoas capazes (o caso de *Mama Ndonga* ou *Ndongas*)⁷ que são intermediários do mundo tangível e intangível.

O conhecimento que se refere aqui é o conhecimento tradicional produzido socialmente. Conforme Macamo (2002), para existência um conhecimento social sistemático, o próprio conhecimento social é indispensável. Fica claro que, a sociedade

² Remete em tendências doutrinárias atribui divindade a pessoa humana. Sendo que, a pessoa representa semelhança com todos os seres – pessoa “todo poderoso”. Cf. Dicionário Língua Portuguesa – Prestigio.

³ Poder ou poderoso. Expressão usada para referenciar aquele que possui poder visível e invisível.

⁴ Deus o criador do universo.

⁵ Ensina-se a criança que vai ao mercado e não aquele que regressa. Significa quando se pretende aconselhar uma pessoa sempre é interessante deste seja antes de realizar uma ação, porque depois da ação não terá efeito algum. É como se fosse medicar alguém que já está morto.

⁶ Ensinamentos. Geralmente transmitidos nos ritos culturais ou religiosos.

⁷ Profetiza ou profetizas. Mulheres com conhecimentos de presente e do futuro, elas são consultadas quando se trata de irregularidade familiar.

em si, elabora o conhecimento para servir a si mesma. Um conhecimento que serve para manutenção da vida social e instrumentaliza as pessoas de modo a lidarem com as diversas visões que a sociedade pode lhes proporcionar.

4. OBJETIVOS DA PESQUISA

4.1. OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa terá como objetivo geral investigar a relação entre a religiosidade e religião, a sociedade e meio ambiente na África central.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Analisar a estrutura da religião tradicional dos bakongo considerando a produção de conhecimentos no que diz respeito as relações entre as pessoas (bakongo), o Sagrado-Nzambi, os Ancestrais e o meio ambiente (natureza-universo)

2. Compreender como as pessoas de modo geral lidam e aproveitam os conhecimentos religiosos para formação de uma sociedade equilibrada em termos de relações interpessoais.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 RELIGIÕES, RELIGIOSIDADE E MEMÓRIA DE RESISTÊNCIA

Mahaniah (1982) entende que a religiosidade é uma prática individual e coletiva que proporciona uma visão cosmogônica aos indivíduos, como: o modo de fazer, viver, transmitir conhecimento, pensar, etc. O mesmo autor defende que a religiosidade releva o fato de que “os kôngo como outros africanos não podem conservar e explicar o mundo fora de Deus, dos ancestrais e dos vivos” (MAHANIAH, 1982, p. 14).

Já Camboim e Rique (2010), “definem a religiosidade como a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião” (CAMBOIM; RIQUE, 2010, p. 252).

Atentar para religiosidade como uma atividade reflexiva religiosa (sem restrições de religiões), sincronicamente traduz o sentimento ou tendências dos indivíduos para com o acervo sagrado.

A religiosidade torna-se sutil na sua prática entre os crentes e não crentes, pois, cada grupo de certa forma possui um “ente supremo” que conduz a sua existência

enquanto pessoa. Igualmente, as pessoas a partir de suas religiosidades projetam-nas vivências como também em suas cosmovisões.

Childe (1973) afirma que o homem é um animal social ao longo do processo vital. Verifica-se um conjunto de necessidades que por sua vez serão responsáveis pela sociabilidade e interação entre os homens no meio social em que se inserem.

Para ele, a causa pela qual leva o ser humano a se socializar e elaborar princípios que regulam suas condutas é de fato, suas ambições e seus desejos de ter o melhor em detrimento de outros seres. Desta forma, considerar que, as pessoas criam expectativas e suposições de como será o que querem como sociedades. Esta forma de proceder está presente até nos primórdios que, todavia, procuravam se libertar no que a natureza lhes dava como primazia, aprimorar-se cada vez mais em termos estruturas organizacionais.

Acredita-se de que, neste mesmo período as sociedades em particulares já se organizavam com base a uma cultura e uma determinada crença que os tornava distintos umas das outras. Como é o caso das sociedades congolenses.

O contato do Kôngo com o Ocidente (colonial), fez com que este se dividisse em territórios diferentes nos nossos dias, mas, não dividiu a cultura nem a crença, pois continuam da mesma forma culturalmente. Isto é, as pessoas buscam dar sentido naquilo que acreditam como modelo ideal de sociedade, decerto que, através da cultura e crenças resistem.

Tal como Batsíkama (2018) refere-se à Lord Bobigton Macauley ao traduzir seu texto mostra que era preciso a desestruturação dos sistemas religiosos e culturais africanas para posteriormente serem submersos e escravizados. Os ocidentais, para eles, percebiam bem que o “patrimônio espiritual e cultural” é força dos povos africanos, por isso, era tido como uma “espinha dorsal”. De fato, sem a ruptura deste, não seria possível a colonização do continente africano. A desestruturação da religião e da cultura foi o grande trunfo do imperialismo europeu na África.

Segundo George Balandier “os bakongo, preservaram a memória de um passado comum; quanto de Angola e tanto da RDC e do Congo, sendo que o apoio a essa memória que faz deles acreditar na existência de um símbolo de uma unidade a recriar” (BALANDIER, 2014. p. 51).

Este símbolo de unanimidade entre os bakongo pode-se encontrar na religiosidade por intermédio das relações com o universo à volta. Bourdieu (2007), afirma que, “A primeira tradição trata a religião como uma língua, ou seja, como um instrumento de comunicação, e um instrumento de conhecimento [...]” (BOURDIEU, 2007, p. 28).

No universo de saberes a religião explica-se através da mitologia sem, porém, “fazer juízos de valores”, ou seja, o confronto da veracidade ou falsidade. A religião sempre ocupou um papel social.

O imperialismo europeu na África logo no seu primeiro momento se teve êxito fora através de implementação da sua religião que serviu de pontapé. O batismo (mudanças de nomes africanos para europeus) fora uma forma de dominação e de conquista europeia para com os povos autóctones africanos.

A religiosidade é uma prática humana desde os tempos mais remotos e desenvolvidos em diferentes culturas e povos em diversas formas. Coutinho e Miranda-Ribeiro (2014) apontam religiosidade como uma sofisticação que apresenta um caractere uni e multidimensional. Todavia, a multidimensional entende-se como “um pensamento ortodoxo, ritual, experiência religiosa, conhecimento religioso, bem-estar espiritual, religiosidade comunitária e religiosidade intrínseca” (COUTINHO; MIRANDA-RIBEIRO, 2014. p. 348. Apud: FEHRING et al, 1998).

Durkheim mostra que “[...] a necessidade da existência nos obrigam a todos, crentes e incrédulos, a representar de alguma maneira as coisas no meio das quais vivemos [...]” “todas as religiões são instrutivas, sem exceção” [...] (1996. p. 4). Neste contexto, a pessoa desde muito cedo, enquanto criança é ensinada a buscar e acreditar em um ser divino ou ancestral, como ícone que lhe representa na sua fé cosmogônica e lhe proporciona aquilo que não está em sua altura, sendo que, coloca-o numa instância superior em relação a ele. Como se pode notar em Balandier (2009) que nos bakongo “[...] os seres poderiam adquirir alguns atributos da divindade identificando-se aos tempos da juventude, ou ao aproximar-se dela” (BALANDIER, 2009, p. 252).

Esta força ou poder comovente entende-se que não se limita pelo simples fato de pertencer uma religião, independentemente de ser ou não, ela se faz presente. Uma vez que a existência destas conexões das pessoas visíveis e os seres invisíveis é compreendido através dessas crenças.

5.2 RELIGIÕES TRADICIONAIS AFRICANAS

O termo tradicional para muitos ecoa como se fosse algo ultrapassado, fora do uso, sem proveito, etc. Durante o contato do continente africano com outros continentes (asiático, americano e europeu), a religiosidade dos africanos sempre foi negada e descrita a partir de olhar preconceituoso e racista. Pelo que foi lhe atribuída certas categorias ofensivas que tira o crédito de existência de uma religião sólida e consistente.

Sendo assim, foi precisamente o Colóquio de Abidjan, 1960, que segundo Altuna (2014), por unanimidade se criou o conceito de “Religião Tradicional Africana (RTA) ou Religiões Tradicionais (RT) ou Religião Tradicional Ancestral Africana (RTAA) e/ou Religião Africana (RA)” (ALTUNA, 2014, p. 357). Como forma de caracterizar as religiões autóctones africanas.

É muito comum nas sociedades africanas o modo de pensar o coletivo e das estruturas sociais se basear pela religião (RTA). Quando se trata de RTA é preciso ter cuidado para não cair ao uso de expressões ou termos depreciativos que muitos até hoje continuam a usar. Mesmo que haja especificidades religiosas na África praticadas em diferentes regiões, de fato nos africanos encontram-se elementos comuns, o dito pano de fundo de base.

Macamo (2002), ao se referir dos saberes tradicionais diferencia-os de outros saberes, para mostrar a diversidade de saberes que existe no continente africano. Em outros termos aquilo que Malomalo chama de “bibliotecas africanas”. A religião surge neste cenário de modo a participar como fonte de conhecimentos diferentemente do que acontece na ciência europeia, todavia, rompe e se distância da religião.

Para Pereira (2013), o campo religioso bakongo é entendido como uma instância reguladora de relações entre os bakongo em várias esferas com um sentido significativo para as possíveis transformações nas instituições sociais existentes como também, uma continuidade das estruturas que possam produzir sentido na comunidade. Esta forma é bem presente nos bakongo desde seus antepassados até nos ascendentes.

Assim, os provérbios nos bakongo são indispensáveis, usado: nos tribunais, casamentos, óbitos, etc. Frisar que, os provérbios carregam um conjunto de

conhecimentos na qual não é conhecida por quaisquer pessoas, pois, para a compreensão a pessoa precisa conhecer o valor semântico de cada palavra e do seu uso na sociedade.

Todavia, o sagrado nos remete naquilo que é reservado ou separado com uma atribuição específica de caráter santo. Todavia, pode ser a própria natureza, utensílios sacros, e/ou uma ancestralidade, que são usados em cerimônias religiosas. No caso do reino do Kôngo, Giroto afirma que: “o rei possuía grande autoridade, mas, o seu poder não era absoluto; apesar de ser sagrado” (2009.p. 33).

Para povo bakongo invocar o termo sagrado serve de um elo que liga à ancestralidade. Salientar que, isto é possível constatar nos chefes das linhagens que detêm o poder e autoridade da família, pois, falam diretamente, ou seja, têm o contato com os antepassados e carregam uma “função religiosa familiar”. Seja qual for a situação que a família ultrapassa este chefe será o responsável.

Essas possíveis similaridades de um passado histórico comum entre estes povos levam-nos a entender de que, mesmo em questões no que diz respeito às crenças religiosas é bem provavelmente que não sejam diferentes, pois, essas memórias podem ser encontradas em suas crenças, como é o caso da divindade “Lemba” como diz Munhoz: é encontrada em vários grupos etno-linguístico bantu que liga os vivos dos mortos. Concebível como força comovente e sagrada nas suas relações.

Vejamos que, para um olhar Ocidental racista e preconceituoso é óbvio que seria e até mesmo é considerado como nefasto sujeito a rejeição, pois não lhes é compreensível. Isto se vê no Macamo quando explica “o mundo irreal dos espíritos e o mundo surreal duma existência social precária” (MACAMO. 2002.p.1).

5.3 RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO, SOCIEDADE E PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

As sociedades africanas são fundadas, sobretudo, pelos princípios que lhe são de ordem ancestral conhecendo estes ou não; pois nenhuma escapa dessa ordem. Não é possível haver um sucessor sem o antecessor, os mais velhos têm como missão de passar os conhecimentos nos mais novos, principalmente nas sociedades africanas. Desta forma, sagrado ancestral deve ser entendido não apenas como uma experiência que é passada de mais velhos a mais novos, mas, também, como uma busca de espiritualidade nos que vivem fisicamente e aos que estão mortos fisicamente. Sendo que, é o elemento conector

entre os membros da comunidade. Aquilo que Tempels vai chamar em outros termos de “força vital”.

Nos bakongo a religiosidade funciona na base da sociedade, na qual o indivíduo se insere e busca uma relação, ou seja, se conecta com o que é para ele divino como refere Balandier:

As crônicas e as antigas relações reconhecem a forte influência do sagrado. Aqueles de Kongo têm uma grande veneração por feiticeiros e sacerdotes que eles chamam de nganga, e os obedecem em tudo como se Deus os ordenasse. Essa relação estabelecida entre o homem e o invisível, essa submissão às forças do universo sobrenatural, é apresentada de maneira muito crítica. Alguns a veem como superstição, idolatria, complacência com relação a manobras diabólicas. Os outros - como os missionários franceses de Loango e Kakongo - encontram ali uma religiosidade vaga e disponível (BALANDIER. 2009. p. 249).

Alguém que não faz parte deste espaço social, provavelmente vê com estranheza pois, não vai de acordo com o que é familiar para ele. Isto aconteceu com os primeiros missionários que desembarcaram no kôngo logo, no primeiro contato muitos se escandalizaram porque para eles era coisa de demônio e não uma possível religião.

Entende-se que, esta forma de olhar europeia já eram balas para a grande metralhadora (colonização) que quase acabou com os costumes e tradições africanas ignorar o que encontraram no continente foi planejado e jazia em seus corpos.

O sistema de tratamento de doenças nos kôngo é formado por um conjunto de instâncias funcionais como “sistema integral” nos quais o *Kingunza*⁸ e *Kimbikudi*⁹ (divinação) funcionam “estruturalmente” para curar.

Mahaniah (1982) indica que, no sistema integrado kôngo “os agentes especializados para o tratamento de patologias têm um papel de preservação e estabelecimento do equilíbrio social” (MAHANIAH, 1982, p.17).

Na cosmogonia kôngo o diagnóstico de uma enfermidade física, não se restringe simplesmente pelo plano físico. Todavia antes de tudo se faz um diagnóstico espiritual (relações entre os seres sociais), pois isto indica que para se entender a origem da enfermidade, necessariamente deve-se consultar o mundo dos espíritos. Para este grupo social tudo que acontece na sociedade de bom ou mau, depende também do plano invisível. A espiritualidade é a base para se entender o social kôngo porque quando se dá

⁸ Para Mahaniah (1982), Kingunza representa a ordem religiosa e social. Pode ser visto em três aspeto; como “estrutura está sempre junto de kimbikudi”, como “fenômeno coletivo consiste na criação de movimentos carismáticos quando a população sente que a harmonia social e religiosa deixa de existir” (MAHANIAH, 1982, p. 91).

⁹ Kimbikudi vem do verbo bikula é a instituição de um mbikudi. Mbikudi é a pessoa que prevê e prediz o futuro, um profeta; espírito de um morto que ensina os órfãos e dá-os de comer. Ver Mahaniah (1982, p.89)

uma ruptura de relações sociais considera-se como a causa da enfermidade e com efeitos físicos.

Assim, segundo Mahaniah (1982), “o espaço teológico da cultura kôngo é representado pela música, dança, artes plásticas [...]” abre a existência de um espaço de vários saberes que coabitam num só, de modo a se auxiliarem.

Como uma esfera de poder que representa grupos sociais e pessoas singulares (poder simbólico), a religião se manifesta como um “instrumento simbólico” que impera como regulador de relações entre as pessoas.

De acordo com Bourdieu (1989), entender a religião como “instrumento simbólico, deve-se pensar como estruturas estruturantes, instrumento de conhecimento e de construção do mundo objetivo” (BOURDIEU, 1989, p. 16).

Atualmente existem inúmeros estudos na medicina, sobretudo, na área da psicologia com evidências de quanto à religião e a religiosidade estão intrinsecamente ligadas com o bem-estar da saúde física e mental da humanidade.

Assim investigar como a religiosidade bakongo funciona para transmissão de conhecimentos proporcionará uma leitura aprofundada sobre a estrutura social dos kôngo.

6. METODOLOGIA

6.1. ABORDAGEM E MÉTODO

Acredita-se que, a escolha de um método específica faz com que se atinja o que se almeja, contudo, o método quando bem combinado com a pesquisa ajuda a compressão do objeto da mesma. “O método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto um objeto do conhecimento” (MINAYO et al. 2002).

A futura pesquisa empregará metodologia interdisciplinar a partir de uma abordagem pesquisa qualitativa. De esta forma conciliar com algumas disciplinas das ciências sociais; com ênfase em sociologia e antropologia.

A interdisciplinaridade permite a compreensão da diversidade epistemológica. Deste jeito, torna a pessoa que pesquisa mais crítica em relação a sua subjetividade durante sua pesquisa.

Como apontam os autores Weigert; Villani; De Freitas (2005):

A metodologia interdisciplinar prevê a integração de áreas diferentes, portanto, necessitam de um tempo maior de diálogo entre os membros do grupo, mais disponibilidade para aceitar a diferença e para conhecer as contribuições que cada disciplina pode dar na construção, ou na

reconstrução, de um conhecimento contextualizado (WEIGERT; VILLANI; DE FREITAS, 2005, p. 146).

Além disso, pensar na interdisciplinaridade é dar espaço a outras abordagens na pesquisa científica. Pois, a compilação de diferentes tipos de saberes proporciona um conhecimento vasto sobre a realidade dos fatos a ser estudado.

Nesta perspectiva interdisciplinar a pessoa que pesquisa não se prende unicamente em sua área de formação, as conexões com as demais áreas de saberes amplia de modo geral, a compreensão de um caso em diferentes perspectivas.

Interdisciplinaridade como a “bioepistemologia” indicam como o estudo científico deve ser feito a partir de relações com outras de saberes que não sejam da ciência em relação à lugar de posicionamento como refere Malomalo (2017):

A fim de compreender esses elementos na produção da ciência, venho trabalhando com a noção da bioepistemologia, uma ideia que significa que, ao olhar pela cultura africana, toda ciência é feita a partir, mediante e para o Ntu, a Vida em suas diversas manifestações. (MALOMALO, 2017, p. 7).

Pensar justamente em bioepistemologia seria um exercício que a pessoa que pesquisa faz durante a sua pesquisa em conectar vários conhecimentos ou saberes para melhor compreender o que se estuda ou que se quer estudar a partir de uma colocação visando a realidade da pessoa que pesquisa.

6.2. COLETAS DE DADOS

Ter em conta do pressuposto temático apresentado e de acordo com a sociedade que se pretende investigar a pesquisa qualitativa oferece condições favoráveis para a futura pesquisa através de leituras biográficas como meio de coletar os dados para se alcançar os resultados.

Segundo Minayo et al (2002) apontam que, a pesquisa qualitativa é uma ferramenta que se propõe em solucionar questões particulares desde um universo de significados, crenças, valores e atitudes até mesmo um espaço mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser operacionalizados em variáveis (MINAYO et al. 2002. p, 21-22).

Para Antônio a pesquisa qualitativa “abriga uma modulação semântica e atrai uma combinação de tendências que se aglutinaram genericamente” (ANTÔNIO. 2003. p, 223).

Os procedimentos metodológicos no caso de qualitativo proporciona ao pesquisador/a a capacidade de compreender os fenômenos a ser estudado. Contudo leva o pesquisador/a a interpretar a realidade de grupos ou organizações a se estudar segundo a percepção destes e no entendimento dos mesmos, isto significa, ele procura mergulhar a ponto de viver, sentir e atingir o mesmo nível de reflexão do seu sujeito de estudo.

Guerra (2014) indica que a pesquisa qualitativa oferece “a interação entre o objeto de estudo e pesquisador o registro de dados ou informações coletadas e a interpretação/explicação do pesquisador” (GUERRA, 2014, p. 11).

Isto só reforça ainda mais a ideia de que a abordagem qualitativa ameniza o processo investigativo, de forma a oportunizar/a uma relação entre o pesquisador/a e o sujeito de estudo. Como se nota ela garante condições de viabilizar a realização da futura pesquisa a partir das ferramentas que possui.

6.3. INTERPRETAÇÕES DOS DADOS COLETADOS

Para a interpretação dos dados coletados será empregue o método monográfico, pois permitirá aprofundar sobre o assunto, de modo a propiciar uma análise rigorosa.

Segundo Gil (2008), “o método monográfico parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros [...] semelhantes. Esses casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades etc.” (GIL, 2008, p. 18).

Quando a pessoa que pesquisa busca em aprofundar os conhecimentos sobre aquilo que estuda absorve capacidades que lhe leva a dominar o que estuda. Aprofundar é justamente ir ao encontro com persistência em conhecer um determinado assunto que não se conhece com propriedade.

Para Mariana e Lakatos (2003), analisar um texto diz respeito a um processo de conhecer uma determinada realidade visando o exame sistemático dos elementos; além disso, é “decompor um todo em suas partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo, encontrando o elemento-chave [...]” que edifica estrutura estudada de forma hierarquizada (MARIANA; LAKATOS, 2003, p. 27).

Desta forma, o uso de um aparelho analítico que permite e possibilita a compreensão do fenômeno estudado é importante, pois, a compreensão não se resume unicamente pela pessoa que pesquisa, mais também para aquela que lê.

7. CRONOGRAMA

Atividades a serem realizados	2016	2017		2018
	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Aulas presenciais, participação no grupo de pesquisa e orientações.	X	X	X	X
Coleta de dados, leituras e fichamentos.	X	X	X	X
Elaboração do pré-projeto.			X	
Elaboração do projeto.				X
Entrega do projeto e defesa do TCC.				X

REFERÊNCIAS

- ALTUNA, A. R. R. PE. **Cultura tradicional bantu**. 2ed. Paulinas. Luanda - Angola. 2014.
- ANTÓNIO, C. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista portuguesa de educação*. Em online. 2003; visitado em: 30/03/2018.
- BALANDIER, G. **Le royaume de Kongo du XVI^a au XVIII^a siècle**. ed.1. Hachette littérature - 31, rue de fleurus - 75005. Paris mars 2009.
- BALANDIER, G. **Sociologia da África negra: Dinâmica das mudanças sociais na África central**. ed. Edições pedagogo, Lda. Romada Portugal. 2014.
- BATSÍKAMA, P. C. M. **As origens do Reino do Kongo**. Mayamba Editora, Lda. © patricio Batsíkama/Mayamba Editora. Rua 3 – n.º 231 – Nova Vida Luanda-Sul Angola Caixa Postal n.º 3462. 2010.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. Perspectiva. São Paulo. 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro. 1989.
- CAMBOIM, A.; RIQUE, J. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. 3.7. 2010.
- CHILDE, V. G. **O que aconteceu na história**. 3. ed. ZAHAR EDITORES. Rio de Janeiro. 1973.
- COUTINHO, R. Z., & Miranda-Ribeiro, P. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 31(2), 333-365. 2014.
- DICIONÁRIO **Língua Portuguesa: Prestígio**. PLURAL EDITORES – Porto Editora. 2010.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Martins Fontes. Td. Paulo Neves. São Paulo. 1996.
- FIGUEIREDO, C. D. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1913.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. Atlas. São Paulo. 2008.
- GIROTO, I. **O universo mágico religioso negro africano e afro-brasileiro: Bantu e Nàgó**. São Paulo 1999, Tese de doutoramento. Departamento de antropologia, faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da universidade de São Paulo.
- GUERRA, E. L. D. A. **Manual pesquisa qualitativa**. Grupo Anima Educação. Belo Horizonte. 2014.
- JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. Zahar. Rio de. 1996.
- KI-ZERBO, Joseph, et al. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. UNESCO. Brasília. 2010.

MACAMO, E. A Constituição de uma sociologia das sociedades Africanas. Estudos Moçambicanos, 2002.

MAHANIAH, Kimpianga. **La maladie et la guérison en milieu Kongo**. EDICVA. Kinshasa, 1982.

MALOMALO, Bas'Ilele. Estudos africana ou novos estudos africanos: Um campo em processo de consolidação desde a diáspora africana no Brasil. *Capoeira – Revista de Humanidades e Letras*. Vol.3. Nº. 2. p. 17. 2017.

MARINA, de A. M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. Atlas. São Paulo. 2003.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis. Vozes, RJ. 2002.

NGAMBU, N. F. **Manuel de sociologie et d'anthropologie**. Presses Universitaires Kongo. Kinshasa. 1996.

PEREIRA, L. N. N. **Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda**. Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP. São Paulo. 2008.

PEREIRA, L. N. N. Religião e parentesco entre os bakongo de Luanda. *Afro-Ásia*, (47), 11-41. 2013.

PORTELA JÚNIOR, A. Emergência e desafios da sociologia no Brasil e em África: uma comparação entre as perspectivas teóricas de Florestan Fernandes e Elísio Macamo. *Estudos de Sociologia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, 1-7, 2014.

WEIGERT, Célia; VILLANI, Alberto; DE FREITAS, Denise. A interdisciplinaridade e o trabalho coletivo: análise de um planejamento interdisciplinar. *Ciência & Educação*, 11.1: 145-164 2005.